

Um Telejornalista com espírito de Repórter

Valquíria Passos Kneipp¹

Ele é paulistano, estudou jornalismo na Cásper Líbero e história na USP, nos anos 90. Passou pelo jornalismo impresso da *Folha de São Paulo*, mas o seu porto seguro acabou sendo o trabalho como telejornalista em emissoras de televisão. Começou na TV Cultura de São Paulo, depois passou pelo Globo e, atualmente, está na TV Record, onde se divide entre reportagens especiais e um programa de entrevistas. Apesar de ter experimentado diversas funções durante a carreira, ele assume o seu espírito de repórter. A entrevista a seguir foi realizada em 21 de setembro de 2006 e faz parte da pesquisa de doutorado realizada pela autora sobre a Trajetória de formação do telejornalista brasileiro. Na entrevista, ele revela o contexto eleitoral de 2006, que culminou na sua saída da TV Globo. Ele é Rodrigo de Luiz Brito Vianna conhecido jornalisticamente como Rodrigo Vianna.

Valquíria Kneipp: Como que você foi trabalhar na tevê?

Rodrigo Vianna: Quando me formei e quando eu era estudante pensava sempre em trabalhar com jornalismo escrito. Meus ídolos eram do jornalismo escrito, eu acompanhava mais jornal e revista. Meus ídolos eram Cláudio Abramo e Mino Carta.

¹ Jornalista graduada pela UNESP de Bauru com mestrado e doutorado na Eca/USP em Comunicação. Professora universitária da UFRN. Tem experiência em telejornalismo nas funções de editora de texto, editora chefe, produtora e coordenadora de produção. Também trabalha com assessoria de comunicação e mídia training.

Meu primeiro emprego foi na *Folha de São Paulo*. Trabalhei 90, 91, 92. E aí em 92 eu trabalhava como redator, fui repórter lá, eu comecei no caderno de imóveis, cobria mercado imobiliário, que era a vaga que tinha. Depois passei pro caderno de cidades como redator. Aí fiquei como redator acho que um ano e meio por aí. Virei editor-assistente de fechamento com 22 anos. Eu gostei muito foi uma escola importante, mas ficava um pouco frustrado de não conseguir fazer as matérias. Tinha um amigo que era o Rogério Pacheco Jordão que era produtor na tevê Cultura. Eu liguei pra ele querendo ir embora da *Folha*. Ele falou “olha tem vaga aqui na Cultura pra repórter cobrir férias, vem pra cá. Vem fazer um teste aqui”. E ele me encaminhou eu fiz um teste. Gostaram e cobri férias um mês, junto com *Folha*.

Aí eu larguei a *Folha* e mais ou menos em meados de 92 eu estava contratado na TV Cultura. Fiquei três anos lá também, de 92 a 95. Foi um período maravilhoso lá na Cultura porque era direção do Roberto Muylaert, foi uma época muito criativa da televisão não só pro telejornalismo. O foco ali na eram o educativos infantis, mas educativos criativos. Cao Hambúrguer, a TV Cultura que lançou o *Castello Ra Tim Bum*, *Xis Tudo* era uns programas infantis, então tinha um ambiente de criatividade na televisão. E você convivia com aquilo, o jornalismo era outro departamento, mas você convivia com turma que criava o *Xis Tudo*, que criava o *Ra Tim Bum*. Tinha o programa *Metrópolis* de cul-

tura e eu fazia o jornalismo, os jornais da TV Cultura.

Valquíria Kneipp: E como que foi sair do impresso e ir pra televisão?

Rodrigo Vianna: Foi um susto.

Valquíria Kneipp: Você fez algum curso algum treinamento?

Rodrigo Vianna: Não. Foi na raça mesmo. Só de olhar é porque no começo, eu lembro que quando eu fui fazer o teste, eu é evidente que eu não tinha nenhum traquejo com a câmera, mas o meu diretor lá que era o Marco Nascimento, um cara que depois foi da Globo. O Marco me botou lá pra fazer um teste. “Sai ai pega uma equipe no domingo e vai fazer matéria sobre greve de ônibus no governo Erundina”. E eu fui fiz a matéria não era pra aparecer no vídeo. Era só pra gravar e depois eles iam aproveitar o material, outro repórter ia amarrar aquele material. Mas o que eles gostaram foi da entrevista, eu entrevistei bem os caras, eu sabia o que eu tava fazendo. Ele falou “bom você sabe entrevistar, televisão você aprende. Aqui você aprende”. E na TV Cultura você tinha espaço pra isso era um escola. Interessante então, não precisava estar pronto pro vídeo na TV Cultura. E ai eu fui sendo formado. Eu tinha editores excelentes uma equipe de primeiríssima linha. Cinegrafistas, técnicos, a TV Cultura era uma escola. E na época eu lembro até que essa parte técnica assim era Globo e Cultura, os melhores

cinematografistas, técnicos e editores transitavam entre as duas nesse período. Então eu trabalhei com gente que me ensinou muito bem. Eu aprendi a fazer televisão na TV Cultura.

Valquíria Kneipp: E que tipo de experiência que era necessária, você tinha um bom conhecimento já e texto ou isso não te ajudou?

Rodrigo Vianna: É claro que o fato de trabalhar na *Folha*, quer dizer o cara é jornalista não é um amador, apesar de eu ser muito novo, eu tinha 23 anos quando eu fui pra Cultura mais é o cara é jornalista tem consistência. Não saber fazer tecnicamente os macetes da televisão, foi à primeira coisa que se tem que aprender é que na televisão o lead não tá no começo da sua matéria, o lead está na cabeça do apresentador, a cabeça é o texto que o apresentador lê. Bom isso é b-a-ba na televisão, mas na faculdade eles te falam isso por cima e só na hora que você vai fazer que você entende o que significa isso. Então, chacina na zona sul de São Paulo, você não vai começar a sua matéria dizendo seis pessoas morreram aqui em frente esse bar. Isso o apresentador já vai ter dito: “na zona sul de São Paulo seis pessoas foram assassinadas na maior chacina dos últimos dois meses”. Então, você tem que entrar já contando a história, você já entra imaginando que veio o lead, você já entra no meio da história. Então esses macetes, como aproveitar a imagem não ser literal no texto, quer dizer seu texto não

precisa descrever exatamente o que está na imagem, tem que acrescentar, porque a imagem as pessoas estão vendo.

Valquíria Kneipp: Entender essa dinâmica num primeiro momento é difícil?

Rodrigo Vianna: É difícil porque você não pode ser descritivo. Aquele negócio assim: o helicóptero chegou trazendo o corpo de Pinochet. Bom você está vendo que o helicóptero chegou. Você tem que ter um texto que tenha uma sacada. Enfim ai depende da circunstância, mas é não ser descritivo e sempre na primeira frase tenta ganhar o telespectador, botar alguma coisa que chame a atenção, uma boa imagem, uma boa informação, uma boa frase. Então tem gente que trabalha em função da imagem, às vezes, depende da matéria se trabalha em função da boa imagem, a boa imagem pra abrir a sua matéria. E às vezes em função de uma boa frase você vai buscar a imagem que calha, que cubra aquela frase. Isso acho que caso a caso você vai descobrindo. E na *passagem*. E aí como lidar com câmera é até secundário porque o principal é você entender como é que se estrutura uma reportagem na televisão que é diferente do jornal e da revista.

Valquíria Kneipp: Só voltando aqui a TV Cultura. Você se lembra como que era a estrutura da redação quando você entrou?

Rodrigo Vianna: O diretor de jornalismo era o Marco Nascimento. Aí você tinha dois chefes de redação, um cuidava do período da manhã até duas, três da tarde e o outro da tarde e noite e com isso os produtos que iam ao ar manhã e início da tarde ficavam sob a responsabilidade de um chefe de redação e o outro cuidava dos produtos da tarde e noite. Era a Malici e o Sérgio Monga que ta lá até hoje. A Maria Alice Capozoli e o Monga que eram os chefes. E aí cada jornal, bom esses dois chefes eles cuidavam de vários jornais de vários produtos. E aí se dividia o chefe de redação chefiava tanto a edição, que era dividida por jornais como a produção, que você tem lá são dois núcleos separados. Quer dizer a produção o cara que era chefia de reportagem, da pauta e os repórteres são do núcleo de produção, e eles produzem para vários jornais ao mesmo tempo. Você produz para o jornal que vai ao ar na hora do almoço, para o jornal da noite, dependendo o horário que você trabalha e do tipo de matéria que você fizer. Então, era assim e cada jornal tinha aí seu editor chefe, editor executivo aí vinha à estrutura interna de cada jornal.

Valquíria Kneipp: O repórter estava subordinado à chefia.

Rodrigo Vianna: A chefia de reportagem e tinha que também fazer o trânsito com o editor chefe de cada jornal. Por que se trazia da rua a matéria, o chefe de reportagem

que te coordenava na rua, mas quando mandava a matéria, aí o seu interlocutor passava a ser o editor daquele jornal. E ele pode falar “olha não está bom, muda isso aqui porque pra gente encaixa melhor com a nossa edição de hoje isso aqui”. Ou ainda: “Qual é material que se tem? Vamos pensar juntos à matéria” e tal. Aí você tinha esse editor do jornal, pro qual você estivesse trabalhando.

Valquíria Kneipp: E lá você exerceu a função de repórter?

Rodrigo Vianna: Sempre repórter e apresentava. Com o tempo depois 95, 96. 92, 93. De 94 pra 95 eu passei a apresentar jornal aos sábados e fazer um programa chamado *Opinião Nacional*, que era um programa de entrevistas, eu fazia junto com Heródoto Barbeiro é um período aí, eu fiquei uns três, quatro meses apresentando o *Opinião Nacional*. Um programa de política, economia, era um assunto que eu acompanhava e acompanho.

Valquíria Kneipp: Você se lembra de alguma história que marcou a sua passagem pela TV Cultura?

Rodrigo Vianna: História assim curiosa ou uma história... Ah uma que ilustra bastante: eleição municipal de 1992. Acho que foi a que o Pitta ganhou do PT, do Suplicy. Termina a apuração e aí tinha que fazer aqueles ao vivo do TRE – Tribunal Regional Eleitoral tinha que entrar ao

vivo e eu estava fazendo outra matéria, e aí corre pro TRE que o repórter que ia pra lá não vai poder entrar ao vivo, ta com problema. Corre pra lá que tem que entrar ao vivo e dar os boletins com os resultados. Naquela época a eleição demorava três, quatro dias pra ser apurada. E aí era uma segunda-feira eu corri pro TRE, cheguei faltando dez minutos pra eu entrar ao vivo e me deram uma, uma folha assim, era o boletim do TRE que tinha duas folhas, estavam em duas folhas. Aqui tinha eleição pra prefeito e na segunda folha às bancadas de vereador a votação. Então tinha, eu falei não vou nem anotar vou falar ao vivo e ler alguns números, que eu destaquei ali anotei e aí eu fui àquela coisa afobada de entrar em cima da hora. Então os resultados pra prefeito são os seguintes parciais até agora: Celso Pitta, Eduardo Suplicy e agora vamos aos resultados pra vereador: e aí eu tava segurando o microfone, eu fui tentar fazer assim pra ver o resultado pra vereador e o papel foi pro chão e eu não sabia o que estava, num sei, não se lembrava de cabeça, não tinha anotado, não tinha tido tempo e o cinegrafista com a câmera no tripé como ta aqui assim. E aí deu dois segundos, eu abaixei, saí do vídeo, sai andando e a folha foi longe, e eu fui atrás levantei e falei: bom desculpa ta muita confusão aqui. A confusão era minha, mas uma confusão tremenda e ai acabei dando o resto o resultado final e o apresentador lá ainda brincou comigo no ar e tudo. O cinegrafista quando tudo terminou falou “você é maluco

o que você fez rapaz, se ta louco?” Isso era o comecinho da carreira na televisão. Isso é uma história engraçada, depois teve histórias boas também.

Valquíria Kneipp: Em sua opinião a televisão brasileira copiou o telejornalismo americano?

Rodrigo Vianna: Em boa parte sim. Essa estrutura de ter o repórter como uma figura muito presente isso é do jornalismo americano. Se bem que o jornalismo europeu também, hoje em dia também tem isso, mas eu não conheço profundamente. Eu sei que a BBC não era uma coisa tão marcada de você precisar ter o repórter no vídeo, você trabalhava muito com a locução em off. O jornalismo francês e o inglês eu não conheço profundamente, mais pelo que a gente acompanha não é um jornalismo tão ancorado na figura do repórter, que aquela cara que precisa estar ali pra dar credibilidade: “estou aqui do lado da notícia e tal”. O europeu tem uma cultura um pouco mais... e enfim a imagem mostra trabalha mais com o texto. Eu acho que o jornalismo americano trabalha com essa coisa mais espetacular é uma sociedade mais do espetáculo e o jornalismo brasileiro acho que caminha mais nessa mesma linha do americano, que não é necessariamente bom, depende de como é que você lida com isso, também não é necessariamente ruim você pode trabalhar com isso de maneira comedida. Mais eu acho que tem a ver sim.

Valquíria Kneipp: E depois da Cultura se foi pra Globo e ficou sempre como repórter?

Rodrigo Vianna: Sempre como repórter. Eu fui convidado pelo Marcelo Vaz e o Zé Maria Santana, que eram chefes de redação na Globo. O Paulo Roberto Leandro era o editor regional em São Paulo estava no Rio fazendo um programa especial, quem tava na chefiando a redação era o Marcelo Vaz e ele foi acompanhar meu trabalho na Cultura de apresentação no *Opinião Nacional* e me mandou um recado através de um editor que trabalhava nas duas TVs. Falou: “o Marcelo quer falar contigo e pediu pra você ligar pra ele”. Eu liguei, ele falou, eu tenho interesse em te contratar vem pra cá, eu sei que você tem experiência de assuntos nacionais. Mais você vai começar aqui na Globo é, você tem que começar pelo local, mais eu quero logo te botar pra fazer assuntos nacionais, eu acho que você tem perfil e tudo. Eventualmente até apresentar alguma coisa, mas esse negócio de apresentação nunca vingou pra mim na Globo. É e acho que eu tenho também espírito também mais de repórter e tal de ir pra rua. Ai foi isso, aí fiquei alguns meses ali no jornal local e logo o Evandro Carlos de Andrade entrou no comando do jornalismo. Ele assumiu a direção geral de jornalismo no Rio de Janeiro no lugar do Alberício Souza Cruz. O Alberício era muito marcado por ter uma proximidade com o Fernando Collor e aí acho que a Globo entrou no período de querer profissionalizar mais

a gestão do jornalismo, acabar com essa imagem oficialista e proximidade com o governo e trouxe o Evandro que era um homem do jornal *O Globo*. Um jornalista de carreira, de jornalismo impresso. Uma figura dura difícil assim, mas que teve um papel importante de profissionalização do jornalismo da Globo, durante os anos 90. E eu peguei justamente, dois, três meses depois que eu entrei o Evandro substituiu o Alberício, foi em 95 que o Evandro entrou na Globo, no final de 95. E aí eu comecei a fazer *Jornal Nacional*, *Jornal da Globo*, comecei a fazer as matérias de rede. Em 97 fui trabalhar na Globo do Rio. Aí fiquei 97 e 98 na Globo do Rio porque eu tive um convite pra ir pra Bandeirantes, e aí a Globo pra me segurar falou não fica aqui, vamos te dar um salário melhor. Esse salário melhor hoje está disponível aqui pelo orçamento deles numa vaga no Rio de Janeiro pra você. Uma experiência legal lá na sede da empresa. E eu fui. Eu fiquei dois anos lá e depois por razões pessoais retornei pra São Paulo a partir de 99 retomei meu trabalho aqui. A partir de 98, quando eu tive no Rio eu comecei a fazer *Globo Repórter*, que a sede do *Globo Repórter* era lá. Então fazia grandes matérias, matérias longas, umas viagens. E aí quando eu voltei pra São Paulo continuei fazendo o *Globo Repórter* porque o *Globo Repórter* tem a sede no Rio, tem uma equipe em São Paulo e eu muitas vezes viajava pelo Brasil, se formava uma equipe com cinegrafista e editor do Rio e repórter de São Paulo e ia pra Amazônia, Rio Grande

do Sul. Viajamos pra muitos lugares pra fazer matéria pelo *Globo Repórter*. E durante um bom período eu fiquei mais marcado por ser um repórter do *Globo Repórter* do que por fazer o dia a dia e o local. 99 2000, 2001, 2002 eu fazia *Globo Repórter* e voltava pra fazer o local do *Jornal Nacional*, o local não o dia a dia no *Jornal Nacional*, mas sempre com a perspectiva de pautas. Eu apresentava pautas e fiz muita matéria lá. Fiz mais de 20 edições do *Globo Repórter* nesse período.

Valquíria Kneipp: E como que na carreira de repórter você que começou no local fez matéria de rede. Como que é essa hierarquia até chegar ao topo da carreira? É repórter especial?

Rodrigo Vianna: É. A nomenclatura não importa tanto, mais importa é o que você vai fazer. Então, teoricamente, que dizer, a reportagem local são assuntos um pouco mais fáceis de você passar pra população. Não menos importantes, mas, mais simples. Aliás, me parece que a população tem uma proximidade maior com o jornalismo local. Então é pelo jornalismo local que você ganha o público. Porque é o assunto que interessa a ele a enchente, o trânsito, a polícia, a cidade como é que andam os serviços do município. Então, um bom jornalismo local é importante pra você mostrar pro público que você esta do lado dele, mas são matérias em geral um pouco mais simples de fazer e aí

naturalmente a gente querer fazer o que é mais desafiante, que significa mais desafio. Então, eu logo fui fazer matérias de rede economia, um pouco de política no começo, mais pouco ainda, comportamento. Eu trabalhava assim como um repórter da geral, mas era um cara que tinha acompanhado economia e política na TV Cultura, então eu fazia também com facilidade pro *Jornal da Globo*. Indústria automobilística, greves eu sabia lidar com esses assuntos. E depois o *Globo Repórter* que daí é um barato pelo tempo que você tem pra fazer, a qualidade da equipe a possibilidade de aprofundar as pautas, foi um período muito rico, muito legal. E recentemente eu tinha tido um pedido da direção de jornalismo daqui de São Paulo pra ficar menos no *Globo Repórter* e me dedicar mais na cobertura diária, não sei por que eles me pediram isso, acho queriam me fixar mais no *Jornal Nacional* e aí eu fiquei nos últimos dois anos fazendo bastante a cobertura do dia a dia e a cobertura das eleições e muito ao vivo. Acho que a parte legal da televisão é você poder fazer ao vivo.

Valquíria Kneipp: E tem alguma história da Globo que ficou ou que marcou? Pois você teve uma carreira bem ascendente lá, começou no local e depois já foi pra algumas matérias de rede economia, política e também no *Globo Repórter*.

Rodrigo Vianna: Bom histórias têm muitas. Tem uma história que foi muito marcante na minha carreira. A gente

foi fazer um *Globo Repórter* que se chamava profissão perigo. Então era mostrar as profissões, que traziam algum risco pra quem estava ali exercendo. Então eu subi na torre da Avenida Paulista, mostrei o cara que limpa o bondinho do Pão de Açúcar, o cara que limpa vidros nos prédios e também mostrar o trabalho de gente do esquadrão anti-bomba. Eu também discuti um pouco essa questão, o cara que faz isso ele é corajoso destemido amalucado ou não, e aí eu aprendi com eles que não o cara que lida com risco ele tem que ter medo ele é o cara que sabe lidar com o medo, mas se ele for destemido e achar que não, que achar que ele não tem o que ter medo, ai ele corre risco e aí e que pode haver o desfecho triste. E aconteceu um episódio triste, que foi a morte de um. Nós fomos mostrar o treinamento de uma equipe de resgate da polícia do Rio de Janeiro, um grupamento chamado Segoa, que faz resgates. Então eles vem com o helicóptero e resgatam gente que está se afogando, resgatam no meio da mata, gente que se perde nas florestas lá do Rio. Eu estava mostrando o treinamento e um dos melhores policiais que eles tinham lá sofreu um acidente e caiu despencou lá do helicóptero, rapel que é quando ele desce pela corda e houve alguma falha a gente até hoje não conseguiu entender o que aconteceu e agente tava gravando e ele morreu. Molina me lembro o nome dele. Aí foi um episódio ruim trágico que traumatizou todo mundo. E agora teve muita coisa boa também, fiz matérias legais so-

bre saúde pro Globo Repórter, caráter educativo, que você pode fazer aquelas reportagens que você pode aproveitar pra passar informação pro público que não tem outro meio pra colher informação sobre saúde alimentação. Depois fiz a cobertura, fiz mediação do debate pra governador e pra prefeito.

Valquíria Kneipp: Qual que é segredo dessa mediação de debate?

Rodrigo Vianna: É você ser discreto. O mediador tem que ser o bom juiz de futebol é o que não aparece no jogo, se o juiz começa aparecer muito é que a atuação dele não está boa. Então ele tem que ser firme discreto e aparecer o menos possível. Eu participei de cobertura de eleição, enfim e aí se lida com interesses, se lida com contradições dentro da própria empresa e enfim eu tenho uma opinião muito crítica sobre o processo de cobertura dessas últimas eleições por parte de boa parte da imprensa. Isso me fez entrar em choque com a direção da Globo e sai da Globo. Nesse processo de 2006.

Valquíria Kneipp: E o *Globo Repórter* é mais assim autoral, com liberdade e tempo pra pesquisar e aprofundar. Como você o diferencia do telejornalismo diário?

Rodrigo Vianna: Exatamente pelo texto porque o que eu tenho uma cabeça é claro que eu lido com a imagem,

quando eu trabalho na televisão, mais eu tenho uma cabeça no texto ainda. Eu gosto de trabalhar com palavra com texto, então, mesmo o texto de televisão pode não parecer mais requer uma elaboração justamente porque você não deve brigar com a imagem, você deve acrescentar pequenas sutilezas, assim que prendem o telespectador, no bom sentido. É claro que no jornalismo do dia a dia às vezes você tem que ser seco e informativo e não pode complicar muito, mas numa matéria mais elaborada você pode brincar com o texto e trabalhar bem o texto e o *Globo Repórter* permitia isso também porque você tinha tempo pra escrever, tempo pra assistir as imagens, tempo pra pensar no que você queria dizer.

Valquíria Kneipp: Porque você saiu da Globo?

Rodrigo Vianna: Porque eu acho que a cobertura foi muito enviesada, principalmente na véspera do primeiro turno. E não se trata de querer brigar com os fatos. Os fatos estavam aí, e o governo tinha passado por momentos complicados haviam escândalos pra gente cobrir, haviam histórias policiais, havia esse episódio do dossiê, do dinheiro e tudo. O fato é que a cobertura em minha opinião foi uma cobertura, que privilegiou, assim que pendeu muito pra candidatura do PSDB, isso em vários organismos. É mais eu acho que as outras televisões. A *Veja* nem se fala. O que eu acho assim, eu não acho ruim que as televisões tenham

suas posições e que os meios de comunicação, acho até que seja saudável se *Veja* declarasse o voto dela e separasse isso na parte editorial, que o *Estadão* e *Folha* fizessem o mesmo. O *Estadão* acho que até fez declarou o voto no editorial. Acho que o mais honesto de todos é o *Estadão* porque ninguém compra o *Estadão* enganado. O que eu acho que é ruim você vender a imagem pro público de isenção, de que nós somos independentes e você por baixo do pano e subliminarmente cobrir de maneira enviesada uma eleição. Isso pra mim coloca um pouco por terra todo o esforço que vinha a minha visão do jornalismo, nesse período aí da Globo é que o Evandro entrou, profissionalizou o jornalismo, tornou a cobertura, mais independente. Temos que dar a notícia direito, porque se nós não dermos o concorrente vai dar. Então nós temos que trabalhar direito e dar a notícia, sem grandes implicações políticas, ideológicas. Vamos dar o que tiver que dar. E nesse período dessa eleição de 2006 principalmente na reta final, em minha opinião acho que houve um descuido, mas do que um descuido algo eu acho deliberado e colocou por terra esse esforço todo de tentar tirar esse estigma que a tevê Globo tinha de manipular as eleições. Então, o estigma que vinha desde o Brizola, que vinha desde a campanha das diretas, que a Globo não noticiou no começo, que vinha do debate do Collor. Esse estigma estava sendo aos poucos deixado pra trás, não era um estigma, era algo que era baseado em fatos concretos,

erros de cobertura, manipulação em alguns casos jornalística que aconteceram. E aí durante dez anos de 95 até 2004, 2005 acho que houve um esforço pra realmente fazer um jornalismo realmente diferente. E eu acho que o que está no ar é um pensamento único, os comentaristas são... Eu nem posso passar detalhes internos que seria antiético. Mas eu posso falar pelo que a gente está vendo. Nesse período de em 2006 eu já vi de forma diferente. Muita intervenção nos textos, muita intervenção, nós vamos usar esse trecho não aquele. Vamos perguntar dessa forma, vamos fazer assim, vamos fazer assado, e nos detalhes eu acho que o mais grave porque em 89 no debate do Collor contra o Lula isso ficou evidente na edição, isso era uma coisa escancarada. Em 2006 isso se deu de uma maneira um pouco mais sutil, mas nem por isso é menos grave. Mais sou crítico disso, mais sou crítico também da cobertura dos jornais, eu acho que a imprensa ficou falando pra classe média não entendeu o que a população tava... Porque que pra presidente um governo que apanha desse nível da imprensa. Quando você abria os jornais e via televisão em setembro um pouco antes da eleição parecia que o Brasil tava acabando e a população, a imprensa pela primeira vez falando no Brasil ficou sozinha. Não formou opinião, ficou falando sozinha. Isso é uma mudança radical, porque tinha aquela história das ondas. Primeiro você forma a opinião da classe média, a classe média vai formando a opinião das periferias.

Isso não aconteceu, a classe média ficou fechada num tipo de pensamento e nas periferias e os formadores de opinião não formaram opinião. O que mostra que, é bom, podiam ter opinião e podiam ter tido esse papel, mais eu acho é que foi uma coisa muito enviesada. Você não via tudo de um lado só, o lado econômico, o lado político, os economistas de jornal, eles estavam inconformados. A impressão que eu tinha assim: como é que o povo não está ouvindo o que nós estamos falando. O povo estava ouvindo e estava avaliando de outra forma, e isso eu não quero dizer se fez certo ou se fez errado, mas é algo que deveria levar a uma reflexão sobre o papel da imprensa e como funcionou e deixa a sociedade em alerta porque houve uma tentativa de eleição pela minoria e pela mídia.